

As edições clima (1978-1997) e suas condições de enunciação: considerações sobre funções discursivas e amizade

The clima editions (1978-1997) and their enunciation conditions: considerations on discursive functions and friendship

Cellina Rodrigues Muniz¹

Resumo: Este artigo apresenta algumas considerações sobre um aspecto das condições de enunciação da CLIMA, editora que funcionou na cidade de Natal entre os anos de 1978 e 1997 sob o comando do jornalista, livreiro e editor Carlos Lima (1943-1997). Durante sua existência, a editora CLIMA publicou 195 títulos de autores norte-rio-grandenses, sendo, assim, um dispositivo fundamental na cultura livresca e literária local. Como recorte de uma pesquisa maior em andamento e com base em entrevistas semiestruturadas, relatos da imprensa e informações paratextuais (GENETTE, 2009) das edições, o objetivo do artigo é refletir sobre o exercício das formas-sujeito (FOUCAULT, 1995) atuantes no campo discursivo editorial a partir de um aspecto: a amizade. Compreendida como uma das muitas formas da cultura de si (FOUCAULT, 2005), a amizade pode ser compreendida como um dos ritos genéticos (MAINGUENEAU, 2001) que possibilitaram a emergência discursiva das edições CLIMA.

Palavras-chave: Edições CLIMA. Enunciação. Ritos. Amizade.

Abstract: This article presents some considerations on an aspect of the enunciation conditions of CLIMA, a publishing house that operated in the city of Natal between 1978 and 1997 under the command of journalist, bookseller and editor Carlos Lima (1943-1997). During its existence, the CLIMA publishing house published 195 titles by authors from Rio Grande do Norte, thus being a fundamental device in local bookish and literary culture. As a part of a larger research in progress and based on semi-structured interviews, press reports and paratextual information (GENETTE, 2009) from the editions, the objective of the article is to reflect on the exercise of subject-forms (FOUCAULT, 1995) active in the field editorial discursive from one aspect: friendship. Understood as one of the many forms of the culture of the self (FOUCAULT, 2005), friendship can be understood as one of the genetic rites (MAINGUENEAU, 2001) that enabled the discursive emergence of CLIMA editions.

Key words: CLIMA Editions. Enunciation. Rites. Friendship.

¹ Licenciada em Letras, Mestre em Linguística e Doutora em Educação com pós-doutorado em Linguística. Professora Adjunta do Departamento de Letras (DLET-CCHLA-UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN).



1 Introdução

As condições em que se constituem e funcionam as diferentes formas de enunciar, com seus inúmeros fatores condicionantes de criação e de circulação, sempre foram foco da Análise de Discurso, fosse pelo viés dos condicionamentos socioeconômicos e ideológicos (na tradição de Michel Pechêux), fosse pelo viés das regras e regularidades das epistemes, dispositivos e tecnologias diversas (na tradição de Michel Foucault).

Nessa direção, Maingueneau (1997) vai centrar suas análises na relação radical e inextrincável entre enunciados e enunciação, enfocando os ritos implicados na gênese e ocorrência de cada enunciado.

Partindo desse pressuposto, neste artigo, apresentamos algumas considerações sobre algumas das condições de enunciação das edições CLIMA, livraria, gráfica e editora comandada pelo jornalista Carlos Lima (1947-1997)², na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, entre os anos de 1978 e 1997. Segundo os levantamentos de Geraldo Queiroz, amigo pessoal e biógrafo de Carlos Lima, sob a chancela da CLIMA foram publicados 190 títulos de autores norte-rio-grandenses, sendo muitos dos lançamentos fruto de coedições³ (QUEIROZ, 2022). Tudo isso atesta a importância da CLIMA não só para o mercado livreiro, mas para a cultura e literatura do Rio Grande do Norte, particularmente para o campo discursivo editorial em Natal.

Em diferentes épocas e países, livreiros e editores são figuras emblemáticas no estabelecimento de uma unidade representativa para uma cultura, a partir de obras e autores publicados⁴ (cf. CHARTIER, 2014, p.114-115). Seguindo essa tradição, pode-se afirmar que Carlos Lima, a partir do “repertório” dessas obras lançadas pela CLIMA, foi um agente de grande responsabilidade na ordem dos livros em Natal ao traçar uma “coerência” para o que

² Formado pela antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Sousa (integrada depois ao Departamento de Comunicação Social da UFRN), Carlos Lima atuou como assessor do prefeito Djalma Maranhão, cuja gestão se destacou por seus programas de democratização da cultura e de alfabetização popular (como o mundialmente conhecido “De pé no chão também se aprende a ler”, comandado pelo educador Paulo Freire). Trabalhando com Maranhão, Carlos Lima foi responsável pela publicação dos “Cadernos do RN”, em 54 edições, até que, com o golpe militar de 1964 e a cassação de Djalma, Carlos Lima foi preso durante quase um ano. Algum tempo depois, abriu a livraria no bairro da Ribeira e em 1978 criou a CLIMA Artes Gráficas. O número 34 de suas edições, aliás, é o livro “Cartas de um exilado”, de Djalma Maranhão e organizado por Moacyr de Góes, publicado em 1984. Para mais detalhes, ver Queiroz (2022).

³ Segundo dados apresentados em Queiroz (2022), dos 190 títulos lançados sob a sigla da CLIMA, 28 títulos foram lançados em coedição, sendo os parceiros: Fundação José Augusto (FJA) (14 obras); Coleção Mossoroense (5 obras); Assembleia Legislativa do RN (3 obras); Secretaria de Educação e Cultura do RN (2 obras); Editora da UFRN (3 obras); Sebo Vermelho/ Sebo CataLivros (1 obra).

⁴ Ver, por exemplo, o trabalho de Gustavo Sorá (2010) sobre a significativa presença da livraria e editora José Olympio para a cultura e o mercado editorial brasileiro a partir dos anos de 1930.



se designa como “literatura potiguar”, o que por si só justifica a importância de se debruçar sobre seu legado.

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a “ordem do discurso” pressupõe decifrar, com todo rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outras formas que veiculem o escrito) (CHARTIER, 2017, p. 8).

Assim, partindo do pressuposto de que o livro, enquanto objeto material e cultural, também pode ser tomado em uma dimensão discursiva e enunciativa, tomamos como objeto de análise alguns desses princípios que governam sua produção, para o que fazemos um paralelo com a noção de *ritos genéticos*, isto é, “comportamentos diretamente mobilizados a serviço da criação” (MAINGUENEAU, 2001, p. 48) ⁵.

Indagamos, então: que princípios e ritos estavam implicados na enunciação da CLIMA enquanto editora de livros? Eis a questão que nos orienta neste artigo. A partir de uma pesquisa em andamento, pautada sobretudo na a) catalogação dos livros da CLIMA e da sistematização e descrição de suas informações paratextuais e bibliográficas (cf. GENETTE, 2009) ⁶, bem como com base em b) relatos jornalísticos diversos (notícias sobre lançamentos e resenhas das obras) e c) entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns dos sujeitos envolvidos com a CLIMA, buscamos apreender algumas de suas condições de enunciação, à maneira de outros estudos já dedicados a projetos editoriais no Brasil, como Sorá (2010), Venâncio (2001, 2016) e Venâncio e Furtado (2013).

Neste artigo, detemo-nos em um aspecto particular dessas condições: *as parcerias profissionais e afetivas*, concretizadas por uma forma específica: *a amizade*.

⁵ Também Salgado (2011) segue nessa direção ao abordar os ritos que participam da gênese não só do texto, mas também do livro (particularmente os gestos de textualização, como revisão e reescrita), produções cujo estabelecimento se deu em “ambientes de troca que lhe viabilizaram a existência” (SALGADO, 2017, p.153).

⁶ Segundo Gérard Genette (2009), trata-se dos textos do entorno do texto principal, como, por exemplo, dados tipográficos, tiragens, prefácios, anexos etc.



2 A ordem discursiva dos livros

Na edição de 10 de setembro de 1986 do jornal *Diário de Natal*⁷, em seção intitulada “Roda Viva”, o jornalista Cassiano Arruda assina a seguinte nota:

AMPLIAR

O editor Carlos Lima está seguindo hoje para o Recife para receber um novo equipamento de fotocomposição – a frio – para a sua Clima Artes Gráficas, que também está renovando o seu parque de impressão. É um atestado da viabilidade da iniciativa privada, sobretudo, na produção de cultura.

Tal nota jornalística dá conta da efetiva presença da CLIMA e seu projeto editorial (VENÂNCIO; FURTADO, 2013)⁸ no cenário cultural da cidade: à época dessa nota, são quase dez anos desde a criação do selo editorial CLIMA, cujo *slogan* assumiu-se como “prestigiando o autor do Rio G. do Norte”. Até o final daquele ano de 1986, foram publicados 53 títulos, todos de autoras e autores do Rio Grande do Norte, nos mais diversos gêneros: romance, poesia, ensaio e humor.

Que condições tornaram possível tal efetividade?

Na perspectiva discursiva de Maingueneau (2001), debruçar-se sobre essas condições equivale a reconhecer que

A obra não está fora de seu “contexto” biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união (MAINGUENEAU, 2001, p. 46).

Essa união entre obra e vida (não só do escritor como também do editor e de outras figuras ligadas à obra), aliás, não se restringe à literatura e ao literário: todo enunciado, enquanto exercício de uma função enunciativa (FOUCAULT, 1995)⁹, constitui-se de

⁷ Originalmente intitulado *O Diário*, foi fundado em 1939 por Aderbal França, Waldemar Araújo, Djalma Maranhão e Rivaldo Pinheiro. Em 1947 passou a pertencer ao grupo dos Diários Associados comandado por Assis Chateaubriand (cf. MELO, 1987, p. 119-122). Em 2012, foi extinto.

⁸ Tal como compreendem esses autores, um projeto editorial implica não só o exercício de uma cultura letrada, com suas disputas, usos e interpretações, como também um momento histórico no processo de especialização dos saberes.

⁹ Segundo Foucault em “A arqueologia do saber” (1995), trabalho vital para a Análise de Discurso, a função enunciativa singulariza o modo de existência de um enunciado. Para descrever e analisar a especificidade de um enunciado, portanto, há que se buscar a) as “leis de possibilidade” e as “regras de possibilidade para os objetos” (p. 104), b) a “posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (p. 109), c) as “margens povoadas de outros enunciados” que demarcam assim seu “domínio associado” (p. 112) e, por fim, sua própria “existência material” (p. 115). Como será visto mais adiante, nosso foco de interesse recai sobre a função enunciativa em relação às posições e sujeitos.



condições que possibilitam sua enunciação. É daí que podemos pensar que a emergência de um enunciado/obra se faz a partir de uma *efetuação bio/gráfica*: “a obra só pode surgir se, de uma maneira ou de outra, encontrar sua efetuação numa existência” (Maingueneau, 2001, p. 54).

Nessa perspectiva, por exemplo, por trás de um empreendimento editorial, todo um percurso do “texto ao contexto” pode ser apreendido a partir não só dos livros editados, como também de fontes como correspondências, planos de trabalho, contratos e acordos de publicação, entre outros, tal como assinala Venâncio (2001, p. 24) a respeito das *redes de sociabilidade*: “a partir dos registros escritos, os atos relacionais e as práticas cotidianas que permitem vislumbrar traços de relações pessoais”.

Assim, podem ser considerados conceitos da Análise do Discurso como *campos discursivos*, *redes de aparelhos* e *arquivos* aos quais se atrelam as práticas por meio das quais se manifestam os diferentes enunciados, segundo a proposta de Maingueneau (2010, 2011).

Como afirma esse autor (MAINGUENEAU, 2015, p. 139), o aspecto “territorial” sugerido na denominação de campo indica que há que se mapear a “cartografia” das maneiras pelas quais os atores sociais organizam suas atividades de linguagem. Com efeito, a partir de um paralelo com o conceito de campo social de Pierre Bourdieu¹⁰, é possível pensar que uma unidade para a noção de campo discursivo a partir de alguns fatores: seus *gêneros discursivos* preferenciais (por exemplo: nas escolas predominam as aulas e seminários, enquanto nos templos religiosos circulam orações, hinos etc.); seus *posicionamentos discursivos* (por exemplo: nas plenárias das Câmaras Parlamentares, há aqueles que defendem projetos de lei de políticas pública de assistência social, enquanto outros se colocam contra); bem como os hábitos e rotinas de formação e de atuação dos *sujeitos* (por exemplo: para “ocupar” o lugar de humorista, não é necessário que o indivíduo tenha concluído um curso de nível superior ou publicado artigos em periódicos científicos).

O *campo discursivo*, junto a uma *rede de aparelhos* (mecanismos, espaços de sociabilidade, agentes) e a um *arquivo* (memórias, narrativas, lendas, casos), organizam o funcionamento das práticas discursivas tomadas em seu caráter institucional e, como tal, em sua dimensão de

¹⁰ Como afirma o próprio Maingueneau (2011, p. 50), “...nos anos 1970 fui levado a transpor o campo de Bourdieu em “campo discursivo”, considerado como um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação.



instância criadora (MAINGUENEAU, 2011, p. 50-51). Como afirma Maingueneau a respeito do caráter institucional da literatura (2010, p. 53):

O conceito de instituição permite acentuar as complexas mediações nos termos das quais a literatura é instituída como prática relativamente autônoma. Os escritores produzem obras, mas escritores e obras são, em dado sentido, produzidos eles mesmos por todo um complexo institucional das práticas.

Tratar, pois, da dimensão institucional das práticas envolvidas no funcionamento de uma editora requer abordar amplos aspectos e elementos que estão nos processos implicados na ordem dos livros. Uma das muitas questões que poderiam nortear tal abordagem diz respeito aos sujeitos: quem são esses seres, em seus papéis instituídos, que mobilizaram a CLIMA como editora?

Antes, porém, há que se indagar: como conceber sujeito em uma perspectiva discursiva¹¹?

Na perspectiva discursiva de Michel Foucault, ao longo de sua trajetória intelectual marcada por uma tripla ontologia (cf. ORTEGA, 1999)¹², sua concepção sobre o sujeito sempre equivale a um efeito de constituição em que atuam amplos elementos: epistemes, dispositivos e práticas que moldam os indivíduos em sujeitos a partir de diferentes relações entre saberes, poderes e a relação para consigo próprio. Como assinala Foucault n' *Arqueologia do Saber*, o sujeito (junto a outras condições) é um dos quesitos que especificam a função enunciativa:

Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma função que se apoia em conjunto de signos, que não se identifica nem com a “aceitabilidade” gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial (que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); um sujeito (não é a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes); um campo associado (que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi

¹¹ A discussão sobre sujeito, subjetividade e subjeção não é o foco deste artigo, mas convém mencionar a obra de Judith Butler (2017), para quem o sujeito é o “lugar de uma ambivalência”: ao tempo em que é condição de possibilidade, é também efeito: “se o sujeito não é totalmente determinado pelo poder, tampouco é totalmente determinante do poder” (BUTLER, 2017, p. 23).

¹² Conforme assinala Ortega (1999, p. 37), essa trajetória se faz de “deslocamentos” entre focos de interesse: um primeiro enfoque, centrado no eixo do “saber”, vai da formação do conhecimento à análise das formas do dizer; um segundo, centrado no eixo do “poder”, de uma teoria geral do poder e análise dos procedimentos do pensamento governamental e suas tecnologias; e um terceiro, centrado no “sujeito”, de análise das diferentes formas de relação do eu consigo. Daí pensar o pensamento foucaultiano em fases: a arqueológica, a genealógica e a da estética da existência.



formulada, mas um domínio associado de coexistência para outros enunciados); uma materialidade (que não é apenas a substância ou suporte da articulação, mas um *status*, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização) (FOUCAULT, 1995, p. 133).

Considerando, pois, “a posição que pode ser ocupada”, pensemos em algumas das diferentes funções que a produção e circulação de um livro implica, tal como sugere o modelo de Darnton (2010, p. 127) de *círculo de comunicação* dos livros, em que as figuras do autor e do editor são centrais.

Desdobrando esse modelo, podemos apontar as seguintes funções:

- Editor: como pontua Muniz Jr. (2020, p. 68), o termo edição pode sugerir mais de uma acepção:

Na primeira, o termo refere-se ao objeto publicado e vem frequentemente qualificado: primeira edição, edição comentada, edição princeps etc. Na segunda, o termo é tomado como sinônimo de “publicação”, ou seja, o ato de tornar público, e também designa, metonimicamente, o mercado ou o campo da publicação (“a edição de livros no Brasil”), ou seja, a prática publicadora tomada de modo coletivo e institucionalizado. Por fim, a palavra edição designa o processo de editar – que também é uma prática, mas de outra natureza que a da publicação propriamente dita.

O editor, então, é a figura que atua como organizador e mediador de todas as outras atividades envolvidas na publicação da obra.

- Autoria: ligada àquele/àquela que se assume autor/a de um texto – ponto inicial de um livro –, a questão da autoria implica diferentes dimensões, discutidas tanto por Foucault (2009) e Maingueneau (2010)¹³. Conforme explica Salgado (2020, p.40):

a autoria está sempre ligada a uma autorização para dizer, conferida pela possibilidade de atestar a fonte do dizer. A legitimidade do que se diz está, assim, atrelada a um entendimento consensuado numa dada comunidade ou sociedade (a escala de reconhecimento é variável), conforme suas formas de testificação ou seus sistemas de consagração.

¹³ Enquanto Foucault (2006, p. 264-265) assinala aspectos como a) o caráter jurídico do nome que se responsabiliza pelo que diz, b) o exercício de distintas operações necessárias na produção do texto; c) um conjunto de atributos necessários para esse exercício e d) as posições que um indivíduo pode/deve ocupar para ser autor de um texto (FOUCAULT, 2009, p. 279-280), Maingueneau discorre sobre três dimensões: o autor-responsável (o nome que responde pelo texto), o autor-ator (o ator social que gere uma trajetória e carreira) e o *Auctor* (correlato de obra) (MAINGUENEAU, 2010, p. 30). Para ver um apanhado geral de ideias ligadas à dimensão discursiva da autoria, ver também Autor (2023).



- Composição/Diagramação: a diagramação está ligada historicamente à própria criação da tipografia e ao uso dos tipos móveis usados para a impressão dos textos dos livros, o que se deu até pelo menos a década de 1950, com a criação da fotocomposição, técnica por meio da qual os caracteres (letras e demais sinais gráficos) utilizados para a composição do texto são feitos via fotografia e imersão. Na década de 1980, com o lançamento do primeiro modelo de computador pessoal, o MacIntoshe da Apple, nova etapa vai se desenvolver:

A partir de então, a composição digital foi se popularizando e, com ela, a editoração eletrônica foi se impondo, gradualmente. Esta se beneficia de todas as liberdades oferecidas pela fotocomposição, acrescentando a elas muitas outras possibilidades. Porém, nenhuma delas é maior do que a relativa democratização das ferramentas tipográficas. Em seus primórdios, a imprensa era uma atividade para iniciados, realizada em guildas e, posteriormente, em linhas de produção descentralizadas, operando em oficinas equipadas com maquinário pesado e custoso. A criação de tipos digitais e a composição de textos hoje são feitas em escritórios, frequentemente por meio de software (VINÍCIUS, 2020, p. 123).

- Revisão: trata-se, em linhas gerais, de uma leitura crítica do texto antes da impressão final do livro, o que requer um profissional que não seja necessariamente o autor.

O profissional que faz revisão de um texto ou de prova tipográfica é denominado revisor. Segundo o Dicionário Online de Português, é aquele que revê: comissão revisora. Além de correções ortográficas e gramaticais, o revisor impõe ao texto estilo e formato adequados a cada publicação. O bom profissional também faz revisão semântica, levando em consideração variações linguísticas e a etimologia das palavras (Rodrigues de Sousa, p. 110).

- Impressão: a fase em que o livro vai adquirindo sua concretude, depois do que virá a fase de costura e acréscimo da capa, com técnicas usuais de colagem e prensa. A impressão é comandada por um supervisor gráfico.

Evidentemente, há outras linhas de ação a serem ocupadas/exercidas: o designer gráfico, por exemplo, responsável pelo projeto gráfico do livro, ou o ilustrador, quando o texto é acrescido de desenhos e ilustrações, ou ainda o tradutor, quando o texto original é de uma língua estrangeira. Sem falar em outras frentes que não ligadas diretamente à produção do livro, mas sim à sua pós-produção, como divulgação e distribuição (publicitários, jornalistas, livreiros, vendedores etc.).

O fato é que, tal como propõe o modelo de Darnton (2010, p. 127), no circuito de comunicação dos livros, em torno dos autores e editores se desdobram outras atividades e entre elas, mais do que um simples componente técnico e profissional, outro aspecto pode estar envolvido.

Foi o que apontou, por exemplo, Gustavo Sorá a respeito do caso da José Olympio, uma das mais importantes livrarias-editoras do Brasil. Mais do que editar, publicar e vender livros, tratava-se de

Um espaço de sociabilidade, aproveitado de maneira crescente pelos editados e amigos, que, assim, também se aproximavam do mundo de um editor renomado. (...) O clímax da livraria José Olympio como centro de reunião e identificação de uma comunidade singular de intelectuais aspirantes aprofundou-se à medida que avançavam as práticas ideológico-repressivas da Era Vargas (SORÁ, 2010, p. 279).

Nessa mesma direção, é possível compreender o caso da livraria e editora CLIMA em Natal nos anos 1980 e 1990. Embora com singularidades contextuais diferentes, um mesmo elemento marcou também a constituição de seu projeto editorial: a amizade.

3 Mais que laços profissionais: de amizade

No livro do jornalista e professor Geraldo Queiroz sobre Carlos Lima (Queiroz, 2022), de quem, como já assinalamos, foi colega de faculdade e amigo pessoal, encontramos o seguinte depoimento do escritor Alex Nascimento, autor editado pela CLIMA com dois títulos: “Quarta-feira de um país de cinzas”, romance de 1984, e “Minha alma gentil”, poemas, de 1992 (QUEIROZ, 2022, p. 106):

Carlos Lima gostava de jogar autores potiguares pro mundo. Um dia belo, ou um belo dia, eu estava numa daquelas conversas malucas que a gente adorava, quando de repente entrou na sala da Clima um alguém que deve ter pensado “são dois malucos”. Aí me perguntou o que eu era dele (Carlos) e eu respondi “Mulher”. O grande Carlos Lima adotou e sempre que a gente se encontrava ele mandava “diga aí, mulher”, e assim ficou. Daí ele ter feito uma dedicatória ótima num Dicionário de Rimas (de José Augusto Fernandes) que trouxe de viagem e me deu:

“Alex querida

Me lembrei de você a 1 hora da madrugada no aeroporto de Guararapes. Depois tomei um porre de saudades. Beijão.

Carlos Lima



Esse registro dá uma ideia da ordem de condições que queremos abordar: a presença recorrente de determinados indivíduos e suas formas-sujeito no funcionamento da CLIMA em suas relações não só profissionais, mas também de amizade.

A amizade foi abordada por muitos pensadores, mas nos interessa particularmente a abordagem feita, ainda que de passagem, por Michel Foucault, especialmente no terceiro e último momento de sua obra, isto é, quando se detém sobre a relação entre ética e estética ou, em outras palavras, nas formas pelas quais os indivíduos se constituem em sujeitos.

Nesse processo de constituição, a amizade tem seu lugar. Como assinala Ortega (1999):

A amizade é uma forma de vida, cuja importância reside nas inúmeras formas que pode encarnar (...) Uma história da amizade mostraria, como fez a história da subjetividade, as diferentes formas adotadas por este fenômeno” (ORTEGA, 1999, p. 158).

A amizade, como explica Fernandes (2006, p. 36), não chegou a ser tema de um estudo sistemático de Foucault, mas é abordada em algumas de suas aulas e em entrevistas. A amizade, em Foucault, é relacionada sobretudo ao processo histórico em que, de relação culturalmente aceita e valorizada na Antiguidade, passa por uma desvalorização a partir do século XVIII, quando se institui juridicamente a homossexualidade como problema, do que decorre todo um aparato burocrático e disciplinar acerca da questão “o que fazem dois homens juntos?” (FOUCAULT *Apud* FERNANDES, 2006, p. 36).

Na aula de 3 de fevereiro de 1982, Foucault aborda a amizade a partir de Epicuro, para quem “toda amizade é por ela própria desejável; entretanto, ela tem seu começo na utilidade” (FOUCAULT, 2010, p. 174). Assim, segundo Foucault, ter amigos, na concepção epicurista, consiste em um comportamento que implica uma forma de ser e estar no mundo (uma ética), uma forma de cuidado de si.

A amizade nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si. Todo homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos. Esses amigos chegam ocasionalmente na rede de trocas sociais e da utilidade. A utilidade, que é ocasião de amizade, não deve ser abolida. É preciso mantê-la até o fim. Mas o que dará função à utilidade no interior da felicidade é a confiança que dedicamos aos nossos amigos, que são, para conosco, capazes de reciprocidade (FOUCAULT, 2018, p. 176).

Da mesma forma que, conforme mostrou Foucault, a amizade tinha na *pólis* clássica grega a função de integração social (ORTEGA, 1999, p. 160), acreditamos que ela também



pode exercer um papel em um campo editorial. Assim, embora, para Foucault, o interesse tenha sido observar o papel da amizade em uma atitude de *parrhesía* (um dizer verdadeiro) e de constituição de si na Antiguidade, e como ela foi sendo substituída pelas figuras do confessor ou do psicanalista (ORTEGA, 1999, p. 162), podemos afirmar que a amizade tem outros escopos e que contribuiu, em alguma medida, como rito genético nas condições discursivas das edições CLIMA.

Como assinala mais uma vez Queiroz (2022) em seu ensaio biográfico, a partir de entrevista com o editor Carlos Lima concedida ao jornalista Franklin Jorge¹⁴ e publicada no jornal RN *Econômico*, de 1986, entrevê-se a importância da amizade para a emergência das edições CLIMA:

Algumas das ditas “loucuras” eram os sonhos anunciados que, de fato, não conseguiu concretizar. Mas se orgulhava, com os livros que editou, de seus resultados: “Ficou para trás o preconceito que havia contra autores norte-rio-grandenses”. E apontava como exemplo sete que se destacaram como verdadeiros campeões de venda: Celso da Silveira, Alex Nascimento, Manoel Onofre Júnior, Elma Mousinho, Tarcísio Gurgel, Armando Negreiros e Renato Caldas. Mostrava-se gratificado, na visão atenta do repórter, por editar “autores consagrados e calejados”, mas também por descobrir novos valores, “dando voz e vez aos desgarrados”, sem apoio e arrimo. Assim caminhou. Acolhendo o autor potiguar e de todos se tornando amigo (QUEIROZ, 2022, p. 105).

Realmente, com base no levantamento dos títulos apresentado em Queiroz (2022, p. 119-152), a partir das informações bibliográficas, percebemos que há nomes recorrentes por trás das edições da CLIMA, dos quais podem ser frisados alguns dos nomes destacados pelo próprio Carlos Lima.

Assim, em paralelo ao caso da José Olympio que reunia uma “comunidade de amigos-escritores” como Brito Broca, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Raquel de Queiroz, dentre tantos outros (SORÁ, 2010, p. 245), na capital do Rio Grande do Norte, a CLIMA também aglutinava nomes expressivos da literatura e cultura locais.

No quadro abaixo, assinalamos alguns desses nomes e suas funções discursivas no empreendimento editorial da CLIMA:

¹⁴ É bom frisar que Franklin Jorge também foi autor publicado pelas edições CLIMA, com os livros “Jornal Amado”, número 3, de 1978, e “Isso é que é”, número 14, de 1980, além de prefaciador de “Estórias Fantásticas”, de Dorian Grey, de 1980.



Tabela1: relação de alguns nomes presentes nas edições CLIMA.

Nome	Função: Autor/Organizador	Função: Revisor	Função: Prefaciador	Função: Arte da Capa e/ou projeto gráfico
Celso da Silveira	11 edições	16 edições	2 edições	-
Manoel Onofre Jr.	6 edições	-	-	-
Alex Nascimento	2 edições	-	-	-
Luís Carlos Guimarães	2 edições	-	2 edições	-
Nei Leandro de Castro	1 edição	-	1 edição	31 edições
Marcelo Mariz	-	-	-	48 edições
Newton Navarro	1 edição	-	-	11 edições
Vicente Vitoriano	-	-	-	8 edições

Fonte: Dados organizados com base em Queiroz (2022).

Evidentemente, a recorrência desses nomes nas funções profissionais ligadas às edições CLIMA não pressupõe que houvesse laços de amizade entre eles. Mas em alguns casos houve e é possível perceber esse entrecruzamento da amizade e da função discursiva ligada às edições CLIMA. Façamos algumas considerações sobre alguns desses nomes.

Um primeiro a ser mencionado é o de Celso da Silveira (Assu, 1929 – Natal, 2005). Como tratamos em outro trabalho, o exemplo de Celso da Silveira ilustra uma

pluralidade de figuras discursivas ligadas ao livro a partir de uma mesma individualidade. Algo mais ou menos assim: certas pessoas têm uma relação tão radical e intensa com os livros que não se restringem a uma única discursividade, exercendo assim múltiplos papéis no circuito de comunicação livresco. E tomo como argumento um exemplo que merece toda nossa reverência: Celso da Silveira (1929-2005). Jornalista de formação e profissão, Celso foi não só autor (de verso e prosa), mas também revisor, resenhista e editor. E mais: sua pluralidade acabou por se manifestar, também, na condição de personagem¹⁵.

¹⁵ Destaque-se, ainda, que Celso da Silveira foi também editor: em 1992, criou a Boágua Editora e até 1995 publicou cerca de 18 títulos, dentre os quais se destacam nomes do cânone potiguar, como Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Anchieta Fernandes e Jarbas Martins, dentre outros.



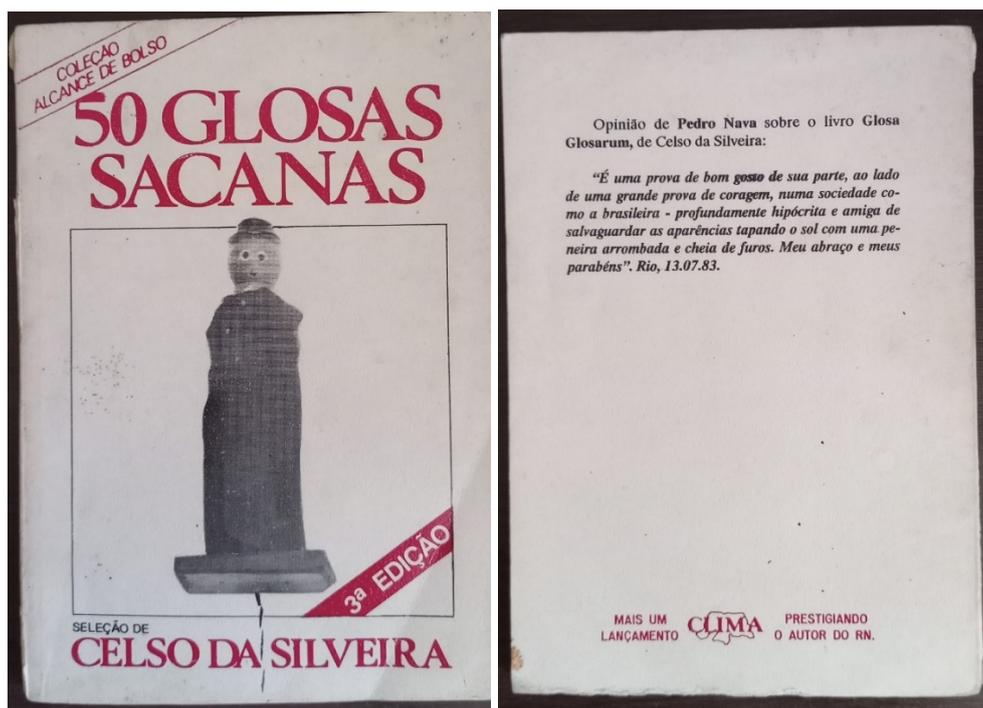
Com efeito, a relação entre Celso da Silveira (autor) e Carlos Lima (editor) foi destacada também por Queiroz (2022, p. 49-50), em que assinala o seguinte:

“Amigo-irmão”. Assim considerava-se, deixando registrado em dedicatórias de livros encontrados na biblioteca de Carlos, outro companheiro de muitas vivências (...): Celso Dantas da Silveira. Muitas histórias, sempre lembradas. Como esta, ocorrida no início dos anos sessenta, contada na entrevista a *Dois Pontos*. Os dois trabalhavam na Rádio Cabugi, sendo Celso o diretor da emissora. Numa sexta-feira, logo depois de chegar para o expediente de manhã, Celso o chama e determina, sem arrogância: - Prepare-se para fazer a maior reportagem da sua vida. Volte para casa e pegue roupa para viajar. (...) Ao chegar no “posto de José Militão” em Lajes, Celso para o carro e convida: - Vamos tomar um cafezinho? Aí abriu uma garrafa térmica que levava na bagagem e passou-a ao amigo. “Quando provei, em vez de café era vinho”. (...) Sem amis rodeio, ele respondeu: - Estou cheio de trabalho, amigo. Vamos passar três dias tomando cachaça no Açude Mondubim. Foram. E Carlos conclui a história, ainda com entusiasmo. “Foi sensacional”.

Um exemplo da materialização desse entrecruzamento da amizade e da função discursiva no campo editorial é o livro “Tempo de rir”, edição de número 28, publicado em 1984. Além do editor Carlos Lima, teve capa e projeto gráfico de Marcelo Mariz e Nei Leandro de Castro, esse último também assinando a apresentação do livro.

Outro exemplo é “Glosa Glosarum”, de autoria também de Celso da Silveira. Esse título teve três edições: 1979, 1981 e 1983, todas três com ilustração de capa de Vicente Vitoriano. Na terceira edição, quem assinou o prefácio foi Luís Carlos Guimarães, poeta e autor de dois títulos da CLIMA: “Ponto de Fuga”, de 1979, e “A lua no espelho”, de 1993.

Figura 1: capa e contracapa do título “50 Glosas Sacanas”, de Celso da Silveira, em terceira edição pela CLIMA, de 1991.



Fonte: Arquivo pessoal. À direita, além do comentário de Pedro Nava, o slogan da editora. Nessa edição, constam os seguintes nomes e atribuições tipográficas: Editoria: Carlos Lima; Capa: Marcelo Mariz; Foto: Ivanísio Ramos; Composição/Diagramação: Aguinaldo Grilo; Coordenação Gráfica: Ivan Júnior.

Outro autor a ser destacado é o de Manoel Onofre Jr., que publicou com Carlos Lima seis livros. O próprio autor ressalta, em um livro de memórias, o entrecruzamento das relações de trabalho e de amizade: “Carlos Lima já não era apenas o editor e livreiro, mas, também, o amigo a quem muito estimava e admirava” (ONOFRE Jr., 2007, p. 94).

Marcelo Mariz, aliás, é outro nome a ser citado, não mais na função de autor. Ligou-se à CLIMA a partir de 1984, com o número 25 das edições (“Jogo da Criação”, de Irma Chaves). Em entrevista semiestruturada nos concedida em 2022, salienta, em determinado trecho de seu depoimento, alguns elementos ligados aos encontros determinantes para sua atuação na CLIMA:

Eu convivia com os fotógrafos, eu convivi com os impressores, com o pessoal que fazia fotolito. Nesse trabalho de auxílio, a gente preparava artes para os anúncios para serem publicados no jornal. Eu aprendi tudo dentro do jornal. Depois, eu conheci Nei Leandro de Castro, que era um publicitário que veio do Rio de Janeiro e também foi grande escritor daqui do Rio Grande do Norte. Logo nos tornamos amigos e a gente pensou junto em fazer a primeira dupla de criação de publicidade do estado. Na Dumbo Publicidade, por conta de Nei, eu comecei a me ingressar nessa área de capas de livro, através dele eu conheci Carlos Lima na época da CLIMA e foi por meio dele que eu comecei a fazer as capas de fato. Comecei finalizando algumas artes de capa para mandar para gráfica, que eu

criava com um cara chamado Cláudio Sendin, e foi com eles dois que eu aprendi a conceituar; a dar conceito às capas. Comecei a fazer com que título e fotografia -- ou ilustração -- um complementasse o outro. Passou a ser um trabalho não só informativo, mas também tinha a importância de uma capa que fosse vendedora para o livro (MARIZ, 2022).

Por fim, mencionemos ainda o nome de Ivan Carvalho Jr., atual sócio proprietário da Offset Gráfica e Editora. Sobrinho de Carlos Lima, Ivan Jr. começou sua atuação profissional, ainda estudante, trabalhando com o tio, livreiro e editor, conforme relata em entrevista concedida para nossa pesquisa:

Eu fui lá para dar uma força de final de ano no movimento, então eu tava de férias e ele me chamou para ficar lá três meses na temporada de férias, e eu fui e não saí mais. Fiz o trabalho de três meses de venda, de balcão, de tudo, só que eu já gostava muito de ler, inclusive incentivado por ele. Daí acabei me aproximando do setor de livros e criando o meu jeito próprio de trabalhar. Um dia ele me perguntou se eu queria ficar permanente lá, aí eu mudei minha matrícula e fui estudar à noite. Na época eu fazia o segundo grau e fui estudar à noite para continuar trabalhando lá (CARVALHO Jr., 2021).

Ivan Jr., que assumiria a função de coordenador gráfico a partir do número 63 das edições CLIMA, em 1987, em seu relato, permite que percebamos essa relação íntima entre modos de vida e emergência das obras:

Cheguei em 1980 para dar uma força, como em 1978/79 eles mudaram de endereço para aquele prédio na Rua Doutor Barata (...). (Para) aquele prédio ali ele mudou a gráfica e abriu uma livraria, que era um outro sonho dele, então aquele salão ali grande, que hoje é uma galeria, era onde funcionava a livraria enquanto a parte de trás era a oficina gráfica. Eu conhecia a turma dos amigos, todos iam para a CLIMA para sair de lá dez, onze horas da manhã. Nesse espaço também eu tive contato com o pessoal todo que escrevia na época e que ia pra lá (CARVALHO Jr., 2021).

A livraria e sede da CLIMA, assim, era simultaneamente ponto de encontro entre amigos e local onde as funções profissionais em torno do livro se cruzavam. O *locus* de ação e interação da “tribo” ou “comunidade discursiva” literária em Natal nos anos de 1980 e 1990, à maneira dos salões do século XVIII e cafés do século XIX, demonstrando como as práticas discursivas estão necessariamente articuladas “ao funcionamento dos grupos de produtores e gerentes que as fazem viver e vivem delas” (MAINGUENEAU, 2001, p. 29).



Uma ética da amizade, portanto, tal como propuseram Foucault e Ortega (ORTEGA, 1999, p. 167) e tal como se observou em outros casos de empreendimentos editoriais brasileiros, como a José Olympio, por exemplo (SORÁ, 2010; VENÂNCIO; FURTADO, 2013), permitiu a emergência de amplas experimentações de formas de vida, dentre as quais – é o que compreendemos pelo caso da CLIMA – as formas-sujeito ligadas ao exercício editorial.

4 Conclusão

Considerando o projeto de Análise de Discurso de “apreender a estrutura dos enunciados através da atividade social que os carrega” (MAINGUENEAU, 2001, p. 17), buscamos, neste artigo, atrelar um pouco da existência da CLIMA como prática discursiva e social. Evidentemente, essa existência se fez de muitas práticas, mobilizadas, por sua vez, por muitas condições. Seria inviável assinalá-los todos neste único artigo. Escolhemos, então, uma dessas condições: a função enunciativa atrelada à ação das formas sujeito. Como rito genético, isto é, “um modo de vida capaz de tornar possível uma obra singular (MAINGUENEAU, 2001, p. 48), destacamos neste artigo um aspecto em especial: a amizade.

O que essas formulações apresentadas também confirmam é a tese de que as amizades representam uma forma que atua nos processos de subjetivação, tal como preconizou Francisco Ortega a partir de Foucault, desde a *philia* grega até as manifestações da modernidade (ORTEGA, 2002), inclusive no campo editorial. Acreditamos que a amizade foi um elemento decisivo, como rito legítimo e fio condutor, da enunciação editorial da CLIMA, atravessando todos os “domínios” (elaboração, redação, publicação etc.) implicados na condição da editora de *tribo*, tal como assinala Maingueneau (2001, p. 29): “uma sociabilidade local (que) desempenha um papel essencial”.

Assim, no campo editorial de Natal nas décadas de 1980 e 1990, como atesta esta pequena reflexão sobre a existência e o funcionamento da CLIMA, as obras emergem não só de funções discursivas como também de uma existência de ordem afetiva, tendo a amizade, de modo geral, um papel constitutivo nas suas condições de enunciação.

Referências

ARRUDA, Cassiano. **Ampliar**. Diário de Natal. 10 de setembro de 1986.



BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CARVALHO Jr., Ivan. **Entrevista** concedida a Autor em 29 de outubro de 2021.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2ª. ed. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora da UnB, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Coleção Companhia de Bolso).

FERNANDES, Sandra Maria. **Foucault**: a experiência da amizade. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4ª. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3ª. ed. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: Motta Manoel Barros da (org.). Michel Foucault – **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Tradução: Inês Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298. (Coleção Ditos e Escritos, vol. III).

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Leitura e Crítica).

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de autor em Análise do Discurso. Tradução de Helena Nagamine Brandão. In: In: Souza-e-Silva, Maria Cecília; Possenti, Sírío (org.). **Doze conceitos em Análise de Discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2010. P. 25-47.



MARIZ, Marcelo. **Entrevista** concedida a Autor em 14 de abril de 2021.

MELO, Manoel Rodrigues. **Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte**. Natal/São Paulo: Fundação José Augusto/Cortez Editor, 1987.

MUNIZ Jr., José. Edição. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cléber Araújo (orgs.). **Tarefas da edição**: pequena medipédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020. P. 68-72.

ONOFRE Jr., Manoel. **Simplesmente humanos**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2007.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

QUEIROZ, Geraldo. **Um editor camarada**. Natal: Offset, 2022.

RODRIGUES DE SOUSA, Leticia Nápoles Vilella. Revisão. *In*: Ribeiro, Ana Elisa; Cabral, Cléber Araújo (orgs.) **Tarefas da edição**: pequena mediapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020. P. 109-111.

SALGADO, Luciana Salazar. Autoria. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cléber Araújo (orgs.). **Tarefas da edição**: pequena medipédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020. P. 40-44.

SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos editoriais**: autoria e textualização. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2011.

SORÁ, Gustavo. **Brasiliana**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

VENÂNCIO, Giselle Martins (org.). **Intelectuais e palavra impressa**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Presente de papel**: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de oliveira Vianna. Revista Estudos Históricos. Volume 2. Número 28. 2001. P. 23-47.



VENÂNCIO, Giselle Martins; FURTADO, André Carlos. **A escrita da história nas coleções “Brasileira” e “História Geral da Civilização Brasileira (1956-1972)**. XXVII Simpósio Nacional de História/ANPUH. Natal, RN. 22 a 28 de julho de 2013.

VINÍCIUS, Mário. Tipografia. In: *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cléber Araújo (orgs.). **Tarefas da edição**: pequena medipédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020. P. 118-125.

